

Biografia do Baquaqua

Mahommah Gardo Baquaqua nasceu entre 1820 e 1830, mas comumente se encontra o ano de 1824; cresceu em Djougou, Uidá, na África Ocidental. Filho de pais comerciantes e muçulmanos, o próprio nome remete à religião islâmica, já que deriva do nome do profeta “Mohammed”, em português, “Maomé”.

Em 1845, foi escravizado e trazido para o Brasil, especificamente para Pernambuco. Foi tratado de forma muito violenta, segundo seus relatos, por dois anos. Trabalhava na construção de casas, e também em padaria, visto que o seu senhor era padeiro. Neste período, Baquaqua até tentou suicídio, pelo tratamento que recebia e pelo vício em álcool que adquiriu. Depois de dois anos, em 1847 foi vendido ao capitão de navio e co-proprietário do navio Lembrança, Clemente José da Costa. Passou então a ser nominado por José da Costa, pela vinculação ao seu senhor.

No mapa da Problematização é mostrado o Rio Grande do Sul, pois, ao servir a bordo deste navio, eles transportavam carne seca para o Sul. Logo, em 1847, um carregamento de café para Nova York levou Baquaqua à liberdade. Assolado por companheiros de viagem, ele e outro companheiro pularam do navio e passaram por todo um processo de julgamento em Nova York, condenados à prisão. Os dois fugiram posteriormente para o Haiti, país onde os negros eram “livres”, e conseguiram recuperar seus nomes originais. Em 1848, trabalhando no Haiti, Baquaqua sofria muitos maus tratos de seu chefe, que era afro-americano, e também não falavam muito bem o crioulo haitiano, por isso caiu novamente no vício em bebidas, até que um reverendo de uma missão batista (da fonte 2 da problematização) o encontrou e se interessou por ele, levando-o para viver com sua família.

Nesse período, o Haiti passava por instabilidades políticas, por isso Baquaqua e parte da família Judd se mudaram para Nova York. Passou por muitas cidades e se matriculou no “New York Central College”, porém dedicou-se à missão batista e à causa abolicionista. Depois disso, foi para o Canadá, onde conseguiu naturalização como súdito britânico, e depois, com a ajuda de Samuel Moore,

em Detroit conseguiu encomendar uma gravura feita por J. G. Darby a partir de um daguerreótipo e publicou sua autobiografia, registrado em 21 de agosto de 1854.

O último registro de Baquaqua foi na Inglaterra, em que esteve em missão com a Missão Livre Batista Americana, em 1857, onde tentava constantemente voltar à África e à sua cidade natal. Porém, os traços marcantes de sua trajetória são relacionados à identidade. Mesmo Baquaqua passando por vários lugares, seu livro, por exemplo, foi escrito em dendi, língua local da comunidade Wangara de Borgu. Apesar de ter aprendido fundamentos do cristianismo, e especificamente do catolicismo no Brasil, Baquaqua permaneceu sendo muçulmano. Ele foi padeiro, tripulante, prisioneiro, missionário, escritor, estudante, ou seja, teve múltiplas funções por onde passou, que formaram sua identidade, mas que também carregaram traços de sua identidade africana, pois a todo o momento ele relembra momentos passados e almeja voltar à terra natal. Baquaqua demonstra a identidade e etnicidade presente na história da África e das rotas do Atlântico, e como houveram outras formas de ser africano, além da marca do “ser escravo de alguém”.

Para saber mais:

LOVEJOY, Paul. Identidade e a miragem da etnicidade: A jornada de Mahommam Gardo Baquaqua para as Américas. Afro-Ásia, n. 27, p. 9-39, 2002. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21031/13630>>. Acesso em: 7 fev. 19.